

# Boletim

Nº 2.002 - Ano 44 - 4 de dezembro de 2017

Luiz Rosa/CB

## ANTÁRTICA, AQUI

Painel com milhares de fungos, fotografias de animais marinhos, ambiente que simula as condições extremas do continente gelado e réplica de sítio arqueológico compõem a exposição *Expedição Antártica*, que será aberta nesta quinta-feira, 7, no Espaço do Conhecimento. A mostra é inspirada no trabalho de pesquisa desenvolvido, na região, por grupos da UFMG nos últimos anos.

Página 5

Pinguim que habita a Antártica: imagens de animais marinhos compõem a exposição

Trajetória dos egressos da UFMG é tema de workshop

Página 3

# Que JUSTIÇA é ESSA?

Maria do Rosário Alves de Oliveira\*

**A**inda está preso em muitas gargantas o nó que surgiu após a notícia da trágica morte do professor Luiz Carlos Cancellier, reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Se em um primeiro momento o choque tomou conta de todos, principalmente daqueles que dedicam suas vidas ao ensino público superior no Brasil, hoje a sensação é de náusea e profunda indignação.

Cancellier foi vítima de um Estado que beira a exceção. Não de forma escancarada, como no período em que os militares usurparam a nação. Pior, de maneira enrustida, ardilosa. Estamos reféns de uma ditadura policialesca que se entranhou nas esferas do poder e tem dado as cartas, controlado o jogo, sem o mínimo respeito ao ordenamento jurídico, principalmente às garantias fundamentais previstas na Constituição.

Cancellier foi preso sem ser ouvido. Não bastassem todas as ilegalidades que envolveram a investigação, o reitor foi barbaramente humilhado. Primeiro, no ato de sua prisão. Depois, quando o proibiram de entrar na Universidade. Como bem lembrou o jornalista Elio Gaspari em artigo na Folha de S. Paulo, isso não ocorreu sequer nos piores momentos da ditadura militar.

Mestre e doutor em Direito pela própria UFSC, onde também se graduou, Cancellier tinha fé irrestrita na ciência jurídica. Em uma antiga entrevista, disse que “sem o Direito, prevalece a força, a barbárie”. Acabou vítima de seu próprio vaticínio. Acabou violado naquilo que passou boa parte de sua vida ensinando e defendendo: a integridade e a dignidade da pessoa humana e o devido processo legal.

Em um discurso emocionado feito durante o velório do reitor, o ex-senador Nelson Wedekin fez as perguntas que todos nós gostaríamos de fazer. “Que autoridades são essas que, ao invés de nos proteger, cau-

sam medo e terror? Quem são eles, assim destituídos de humanidade e razão? É preciso agir com a mão assim pesada, com tal crueldade, com tal virulência e desumanidade?”, indagou, para depois concluir: “Não se passa o país a limpo assim”.

Esse sectarismo que impera nas esferas do poder atingiu níveis tão surreais que não é exagero comparar o que se passa no Brasil com o macarthismo norte-americano. Se, na década de 1950, as autoridades dos EUA viam comunistas em quaisquer sombras, a cruzada anticorrupção tem servido de escudo para que biografias sejam destruídas e permitido que todo tipo de desmando seja desculpado.

A morte do reitor não foi um caso isolado. Vivemos em um país em que delatores são aplaudidos e incensados, a despeito da veracidade de suas inconfidências. Achaques e chantagens têm mais valor que a investigação séria e acurada. Para piorar, os vazamentos propositais dos depoimentos, antes mesmo de qualquer comprovação, servem para jogar no lixo o sagrado princípio da presunção da inocência.

Toda a operação que culminou na prisão de Cancellier foi feita visando ao máximo possível de repercussão na mídia. Essa ânsia por holofotes, manchetes e, mais recentemente, por curtidas e *likes* nas redes sociais é sinal claro de que muitas decisões têm sido fortemente influenciadas pelo ego de quem as toma. Fosse Pompeu o general desse exército, diria que aparecer é preciso, cumprir a lei não é preciso.

A santificação desses ditos defensores da lei – ou da moral, dos bons costumes e da tradicional família brasileira, se desejarem – beira a insanidade. Insanidade de quem os elevou a tal patamar e deles próprios que, contagiados pela bajulação, sentem-se cada vez mais intocáveis. Esse nível de sebastianismo se transformou em uma verdadeira fábrica de déspotas, de tiranos, instalados

em todos os círculos do poder, do mais baixo ao mais alto.

O resultado disso tudo é que estamos diante de um país com instituições em frangalhos. Em quem confiar? A quem recorrer? Se quem deveria se pautar pela proteção dos direitos e garantias dos cidadãos brasileiros rasga os princípios legais na hora de agir, estamos totalmente indefesos, à mercê do jugo inclemente de quem dá mais valor ao espetáculo e a um falso moralismo que aos preceitos jurídicos que nos regem.

O país está novamente adormecido em seu berço esplêndido. As ruas estão vazias. Entidades e grupos que se uniram para defender a pátria se esfacelaram. A sociedade se encolheu. Mas até quando?

Já foram tantos os passos dados para trás que, daqui a pouco, não será mais possível retomar o processo de crescimento pelo qual passamos nas últimas décadas. O abismo já está tão fundo que, se os brasileiros não tomarem novamente as rédeas do país, não haverá como retornar. A mudança se faz urgente.

Mudança que deve vir por meio da retomada da democracia em seu sentido mais literal. Somente uma reação vinda de todas as camadas da sociedade será capaz de impedir os retrocessos em voga e o agravamento de um quadro que já se descortina como caótico. Assim como inúmeras entidades se pronunciaram após a morte de Cancellier, é dever de todo brasileiro se posicionar contrariamente a esse caminho tirano que ora se apresenta. Antes que seja tarde. Antes que nos esqueçamos do que aconteceu com Cancellier. Antes que nos esqueçamos de quem nós realmente somos.

Cancellier vive!

\*Administradora aposentada da UFMG, presidente do Atens Sindicato Nacional

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

# A VEZ dos EGRESSOS

Workshop vai discutir experiências de inserção profissional e monitoramento de pessoas formadas na UFMG

Ana Rita Araújo

A inserção e a trajetória dos egressos de um curso no mercado de trabalho podem revelar muito sobre a instituição que os formou. Podem também oferecer elementos para discussões sobre reforma curricular e outros aspectos da vida acadêmica, como ingresso, oferta e qualidade de cursos, efeitos de programas de cotas e dispositivos de permanência e importância dos estágios na inserção profissional. O tema “egressos” será objeto de workshop nesta quarta-feira, 6, no campus Pampulha, com a participação de pesquisadores de diversas unidades acadêmicas que vão apresentar estudos concluídos ou em andamento.

O evento ocorre no âmbito do *Colóquio Educação superior: dimensões e perspectivas transdisciplinares*, do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (leat). Segundo a professora Daisy Cunha, que coordena o Colóquio com o professor Estevan Las Casas, a iniciativa tem múltiplos objetivos, entre os quais, discutir os diferentes referenciais teórico-metodológicos e os vários recortes adotados na observação desse objeto de pesquisa.

Os participantes também vão discutir experiências, práticas e políticas de estímulo à inserção profissional e debater impasses no monitoramento do tema “egressos” na UFMG e em outras instituições de ensino superior, de modo a atender às definições do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

É intenção dos organizadores que os debates iniciados nesse workshop se desdobrem em outros encontros e contribuam para a elaboração de uma política institucional sobre o assunto. De 2013 a 2016, 4.548 estudantes concluíram cursos de graduação na UFMG e, no mesmo período, 4.023 concluíram cursos de pós-graduação.

## Horizonte

Na apresentação do caderno de resumos que será distribuído aos participantes, os organizadores comentam que os debates, em todas as edições do Colóquio, têm por guia a reflexão sobre a pertinência de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar na graduação e na pós-graduação. Essa orientação também pressupõe a incorporação da experiência de trabalho de gestores, professores e pesquisadores sobre o assunto, de maneira articulada com as vivências de alunos e profissionais recém-formados e com alguma experiência no mercado de trabalho.

“Neste semestre, abordaremos a situação dos egressos e articularemos nossas ações com diversos setores, serviços e pesquisadores da UFMG que têm interesse institucional e de pesquisa no assunto”, informa Daisy Cunha, que integra o Comitê Diretor do leat para a cadeira de humanidades e docente do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação (FaE).

De acordo com a professora, o tema está no horizonte institucional há algum tempo e é objeto de pesquisa instalado em algumas unidades acadêmicas, “mas de forma isolada”, embora também tenha sido objeto de iniciativas institucionais. “Aqui na FaE existem muitos pesquisadores que se ocupam desse tema, além de estudos isolados nas licenciaturas. Há também pesquisas no Departamento de Sociologia e na Faculdade de Ciências Econômicas (Face)”, enumera a professora.

Depois de realizar levantamento para mapear os trabalhos concluídos e em andamento, o leat convidou os pesquisadores a



Sala de aula no CAD 1: debates iniciados no evento poderão ser o ponto de partida para formulação de política institucional sobre os egressos

relatar suas experiências no workshop, que será dividido em 13 relatos e terá uma plenária final, para discussão de produtos e desdobramentos.

Entre os estudos que serão apresentados, está a pesquisa *As políticas de ações afirmativas no ensino superior: continuidade acadêmica e o mundo do trabalho*, financiada pelo Ministério da Educação e realizada por rede de universidades sob a coordenação do Programa Ações Afirmativas na UFMG.

Com o objetivo de contribuir com as iniciativas de acompanhamento e avaliação do desenvolvimento das políticas de ações afirmativas em vigor nas instituições de educação superior, o trabalho procura verificar, por exemplo, como tem sido a inserção dos estudantes negros e indígenas egressos das ações afirmativas no mundo do trabalho e na pós-graduação. “Trata-se de uma pesquisa em andamento e bastante ampla. Por essa razão, pretendemos abordar no workshop alguns dados iniciais acerca dos cotistas egressos da UFMG”, informa no resumo o coordenador da pesquisa, professor Rodrigo Ednilson de Jesus.

Também serão debatidos estudos sobre trajetória docente de egressos do curso de licenciatura em Educação do campo, perfil dos egressos do curso de pedagogia presencial que concluíram o curso nos anos de 2011 e 2012, resultados de uma pesquisa de doutorado que investigou os rendimentos materiais e simbólicos do diploma de licenciatura em língua inglesa para egressos do curso de Letras da UFMG e a contribuição da Iniciação Científica na formação de psicólogos.

Em outro momento, serão discutidos aspectos da chamada “evasão docente”, ou seja, alunos de licenciatura que concluem o curso e que abandonam a carreira. Trabalho realizado no âmbito do programa institucional Sempre UFMG vai abordar a identificação e a vinculação dos egressos com a Instituição.

O workshop *UFMG Pesquisa Egressos* será realizado no auditório 1 da Face, campus Pampulha. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas na página <http://workshopegressosufmg.vpeventos.com/>.

# SEM MARGEM para o falso-positivo

Anticorpos desenvolvidos por pesquisadores do ICB favorecem diagnóstico mais rápido e eficaz da blastomicose

Luana Macieira

A paracoccidioimicose, também conhecida como blastomicose sul-americana, é uma doença causada pelo fungo *Paracoccidioides brasiliensis*. Sistêmica, ela ataca diferentes partes do organismo, como o pulmão, o sistema nervoso central e as glândulas adrenais. É de difícil diagnóstico, pois pode ser confundida com outras doenças como a tuberculose e a pneumonia, e muitos pacientes têm dificuldades para iniciar o tratamento, o que favorece o desenvolvimento do fungo, que causa vários danos à saúde do paciente e pode levá-lo à morte.

Para realizar testes mais rápidos e evitar resultados “falso-positivos”, equipe do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB desenvolveu novo anticorpo para o diagnóstico da paracoccidioimicose. O método consiste na criação de anticorpos monoclonais, que são aqueles produzidos em laboratório com base em linfócitos gerados por camundongos e cujos sistemas imunológicos foram estimulados pelos antígenos da doença. “Produzimos novos anticorpos monoclonais para uma proteína específica do fungo. Montamos um modelo de ensaio para capturar o antígeno e o pusamos em contato com o soro do paciente. Juntamos o soro do paciente a esse antígeno e assim removemos as reações cruzadas responsáveis pelos resultados que sugeriam outras doenças”, resume o pesquisador Luís Felipe Minozzo Figueiredo, residente pós-doutoral do

Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB e um dos responsáveis pelo estudo.

Figueiredo explica que a doença pode ser diagnosticada de outras duas maneiras: pelo método padrão, em que os médicos analisam amostras de escarro e fluidos corporais do paciente com os sintomas, buscando visualizar o fungo em microscópio ou por cultura do fungo em laboratório, e pelo método, – também empregado em hospitais – que consiste no diagnóstico por meio de exame sorológico. Nesse caso, os médicos extraem amostras sanguíneas do paciente e procuram identificar o anticorpo para o fungo.

“Os dois processos são muito demorados. No exame feito com o escarro e os fluidos, além do tempo necessário para que a amostra seja cultivada em laboratório, nem sempre essa amostra vai apresentar fungos para crescimento ou visualização. Já no exame sanguíneo, o paciente pode ter a doença, mas seu corpo pode não produzir os anticorpos para combatê-la (pacientes imunocomprometidos). Assim, o exame dá negativo”, explica Luís Felipe.

O coordenador do estudo, professor Carlos Delfin Chávez Olórtegui, do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB, acrescenta que o novo exame é feito em apenas quatro horas e pode ser adaptado a outros tipos de micose. “A metodologia já havia sido testada antes, mas os pesquisadores não tinham conseguido eliminar totalmente os ‘falso-positivos’.

Nossa pesquisa é inédita, porque chegamos a uma alta especificidade do anticorpo monoclonal responsável por todo o sucesso do diagnóstico. Como nosso antígeno era mais puro, o anticorpo que desenvolvemos é mais eficiente.”

A pesquisa, iniciada em 2013 com a tese de doutorado de Luís Felipe Minozzo Figueiredo, está sendo realizada em parceria com o Centro de Produção e Pesquisa de Imunobiológicas (CPPI) do Paraná e com

a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os estudos ainda não foram finalizados. “Agora buscamos aprimorar os reagentes para acelerar o processo. Já detectamos o anticorpo no paciente e perseguimos um modo de identificar também o antígeno liberado do fungo dentro do organismo. Normalmente demora para que o anticorpo antifungo apareça no exame de uma pessoa infectada. Queremos detectar o fungo para confirmar o processo de diagnóstico”, antecipa o professor Carlos Chávez Olórtegui.

## Subnotificação

A paracoccidioimicose é uma doença que ocorre apenas na América Latina, e o Brasil é responsável por 80% dos casos. Aqui, a doença é a oitava causa de mortalidade por doença infecciosa predominantemente crônica entre as enfermidades infecciosas e parasitárias.

Segundo Luís Felipe, como a doença não é de notificação compulsória no país, os dados relativos ao número de pacientes em tratamento não são representativos. A doença acomete pessoas cujas profissões envolvem manejo do solo, como agricultura, transporte de produtos vegetais, terraplenagem e jardinagem. Esses trabalhadores respiram os esporos do fungo e contraem a infecção, geralmente nas duas primeiras décadas de vida. No entanto, a evolução e a manifestação do micro-organismo costumam aparecer mais tarde, entre os 30 e 50 anos de idade.

A paracoccidioimicose integra o rol das doenças negligenciadas e alcança uma população de baixa renda, principalmente os trabalhadores do campo. “Um novo método de diagnóstico que aumente a sensibilidade e a especificidade do teste poderá atender a uma parcela da população que sofre com a micose. Quando não tratados, os pacientes podem ter fibrose pulmonar e perder capacidade respiratória”, afirma o pesquisador.

Além disso, o fungo causador da paracoccidioimicose consegue se multiplicar rapidamente em pacientes com o sistema imunológico debilitado, como os portadores de HIV. “As pessoas acham que a micose é uma doença simples de pele, mas há tipos perigosos que afetam órgãos internos. Daí a necessidade de um diagnóstico cada vez mais rápido e eficiente”, defende Figueiredo.



Luís Figueiredo e Carlos Olórtegui: exame pode ser adaptado ao diagnóstico de outros tipos de micose

# CIÊNCIA no GELO

Pesquisas da UFMG desenvolvidas na Antártica inspiram nova exposição do Espaço do Conhecimento

Isabelle Chagas\*

Longe dos laboratórios, do conforto dos gabinetes e das bibliotecas, pesquisadores têm encarado o desafio de fazer ciência no continente mais inóspito do planeta. As primeiras expedições do Brasil à Antártica começaram há mais de três décadas, e o país já é considerado um dos líderes em pesquisas de vanguarda nas terras geladas. Nos últimos anos, a UFMG tem-se firmado como uma das principais parceiras do Programa Antártico Brasileiro (Proantar), da Marinha.

Fungos que podem erradicar doenças, histórias não contadas sobre os primeiros desbravadores do continente e os impactos que a condição de vida extrema pode causar nos pesquisadores são alguns dos aspectos abordados nos projetos de pesquisa *MycoAntar*, *Paisagens em branco* e *MediAntar*, que investem em estudos de biologia, arqueologia e antropologia e medicina polar.

Trazer essa história para mais perto da população e os resultados alcançados é a proposta da *Expedição Antártica*, nova exposição do Espaço do Conhecimento UFMG, em parceria com a Unimed-BH e o Instituto Unimed-BH, que será inaugurada na próxima quinta-feira, 7 de dezembro, e fica em cartaz até abril de 2018. A entrada é gratuita.

“Além de simular um ambiente similar ao vivenciado na Antártica, a exposição reúne uma diversidade de objetos coletados e utilizados durante as pesquisas e instiga o visitante a conhecer um pouco mais sobre a vida no continente e como ela pode nos ajudar a viver aqui”, destaca a diretora científico-cultural do Espaço do Conhecimento, Ana Flávia Machado.

## Uma nova história

O continente mais frio e remoto foi o último a ser ocupado pelo ser humano entre o fim do século 18 e o início do 19. Personagens que tiveram seus nomes excluídos da história oficial da Antártica, como os caçadores de animais marinhos, foram os verdadeiros protagonistas desse desbravamento. Reescrever essa história é a proposta do projeto *Paisagens em branco*, do Departamento Antropologia e Arqueologia da UFMG.

O grupo já descobriu diversos sítios arqueológicos, como o Punta Elefante 2, cuja réplica em tamanho real será mostrada na exposição. “É importante que as pessoas saibam que o território antártico foi desbravado por gente comum”, afirma o professor Andrés Zarankin, coordenador do projeto, que realiza pesquisas no continente há mais de duas décadas.

Nem só pinguins bonitinhos ou baleias gigantes habitam a Antártica. Invisíveis a olho nu, lá sobrevivem milhares de comunidades de fungos que podem revolucionar a produção científica. Muitos deles são capazes de servir de base para a produção de medicamentos contra doenças como a dengue, a leishmaniose e a febre amarela, de acordo com as descobertas do projeto *MycoAntar: diversidade e bioprospecção de fungos da Antártica*, do ICB.



Luiz Rosa/ICB

Integrante de expedição em trabalho de escavação: os próprios pesquisadores que atuam em condições extremas são alvo de uma linha de investigação

“Alguns micro-organismos antárticos podem fornecer conhecimento sobre a origem da vida no planeta e resultar em fontes de produtos biotecnológicos em prol do Brasil e do mundo”, destaca o professor Luiz Rosa, coordenador do projeto. Os materiais coletados contribuem, também, para compor a *Coleção de micro-organismos e células da UFMG*, a maior coleção viva de fungos da Antártica. Numa montagem que impressiona pela beleza, esses minúsculos seres vivos poderão ser vistos pelo público na exposição.

## Objeto: pesquisador

A multidisciplinaridade é a marca do projeto *MediAntar*, do ICB, que se dedica ao estudo da inserção do ser humano em condições extremas de sobrevivência experimentadas na Antártica, como temperaturas muito baixas, dificuldades para respirar, esforços físicos constantes e isolamento. E os próprios pesquisadores são o objeto dessas investigações. “A experiência na Antártica expõe a fragilidade de todos nós. É uma pesquisa que passa pela nossa experiência, e queremos contribuir para que ela melhore cada vez mais”, explica Rosa Arantes, que coordena o projeto. Parte desses resultados pode ser conferida nas *Cápsulas sensoriais*, que simulam, entre outros aspectos, o vento forte, a dificuldade de andar na neve e a escuridão do inverno, quando ocorre o fenômeno celeste da aurora austral.

## Três rotas

Com a ajuda de um mapa, os visitantes poderão explorar a *Expedição Antártica* por três caminhos, que abordam as pesquisas da UFMG sobre medicina, biologia e arqueologia polar. Um grande painel com milhares de fungos ressalta a beleza desses minúsculos seres vivos ao lado de imagens dos animais que lá vivem bem adaptados, como pinguins, focas, baleias e leões marinhos. Cápsulas sensoriais simulam as condições extremas da Antártica, como o frio, a dificuldade de andar na neve e a escuridão do inverno. Há também a réplica de um sítio arqueológico, que representa a história da ocupação do continente por desbravadores ainda pouco conhecidos, como os pescadores. Além disso, o Planetário oferece uma experiência imersiva única, em 360°, combinando imagens das pesquisas científicas realizadas no local com animações.

\*Jornalista do Espaço do Conhecimento UFMG

# SERTÃO, ALEMANHA, MUNDO

Fale promove seminário em Cordisburgo sobre tradução de Guimarães Rosa e propõe residência para tradutores e pesquisadores de sua obra

Ewerton Martins Ribeiro

Guimarães Rosa era um apaixonado pela cultura alemã. Nascido em Cordisburgo, Minas Gerais, cidade de influência germânica, o escritor elegeu o país europeu como seu primeiro destino fora do Brasil. A mudança ocorre no fim dos anos 1930, ano em que Rosa, com apenas 22 anos, assume o cargo de vice-cônsul brasileiro na cidade de Hamburgo – isso às vésperas de se iniciar a Segunda Guerra Mundial. Foi também naquele país, de 1939 a 1941, que o escritor escreveu seu antológico diário, volume em que anotou impressões do contexto de guerra em que vivia, além de rascunhos ficcionais. Esse “diário alemão” está disponível para pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

As relações do escritor mineiro com o universo germânico serão o eixo da primeira edição do seminário internacional *O cosmopolitismo do sertão e as traduções de João Guimarães Rosa*, que a Faculdade de Letras vai realizar de 14 a 16 de dezembro, na cidade em que o escritor nasceu. “Será um evento para pôr o país na perspectiva de exportador de uma poética específica, na medida em que promoverá traduções produzidas em contexto mais cosmopolita e interativo”, explica a professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, coordenadora do evento.

Ao levar as discussões sobre as traduções da obra de Guimarães Rosa para o ambiente do sertão, o seminário materializa a premissa criativa sintetizada no título de *Grande sertão: veredas*, ou seja, de que o mundo e o sertão são, de alguma forma, uma coisa só. “Com o evento, estamos buscando uma abertura epistemológica: a ideia de se promover a tradução a partir do lugar de idealização e materialização da obra”, destaca Virgínia. “Vamos levar o mundo para o sertão e o sertão para o mundo”, afirma a professora da Faculdade de Letras. Nas próximas edições, a intenção é que o seminário trate da receptividade que a obra do mineiro teve ou pode vir a ter em outros países.

Os interessados em participar como ouvintes podem realizar sua pré-inscrição pelo e-mail [alberguedoaudaznavegante@gmail.com](mailto:alberguedoaudaznavegante@gmail.com). As inscrições custam R\$ 25 e deverão ser pagas na abertura do evento. As informações estão disponíveis em [www.lettras.ufmg.br/rosaemcordisburgo](http://www.lettras.ufmg.br/rosaemcordisburgo).



Monumento na Praça Miguilim, em Cordisburgo, homenageia Guimarães Rosa (no detalhe)

## Programação

A conferência de abertura será ministrada pelo alemão Berthold Zilly, professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Zilly se dedica a nova tradução de *Grande sertão: veredas* para o alemão, e o esforço conta com subsídio do CNPq. Em sua conferência, o tradutor vai falar sobre os bastidores desse desafio, que vem enfrentando já há alguns anos.

Stefan Wilhelm Bolle, professor de literatura da Universidade de São Paulo (USP), vai abrir as atividades do segundo dia de evento, com a conferência *Refazendo a pé a travessia do sertão por Riobaldo*. No dia seguinte, sábado, 16, será a vez de o geógrafo Heinz Dieter Heidemann, também professor da USP, ministrar a conferência *Habitar o sertão*. Todas as conferências ocorrerão na parte da manhã. Durante as tardes, haverá mesas dedicadas ao cosmopolitismo de Guimarães Rosa e suas traduções, com participação de pesquisadores de diferentes instituições.

Além da programação científica, o evento promoverá um curso gratuito de introdução à língua alemã, que será ministrado em Cordisburgo pelo Centro de Extensão (Cenex) da Fale, com foco na população local. “A ideia é oferecer anualmente, durante o evento, cursos de línguas de países que traduziram a obra de Guimarães Rosa ou parte dela”, explica Georg Otte, também professor da Fale, que divide com Tereza a coordenação do seminário. Para participar do curso, os interessados devem escrever, no campo “assunto” do e-mail de pré-inscrição, a frase “Desejo me inscrever também no curso de Introdução à língua alemã”.

## Tradutores no sertão

Guimarães Rosa sabia das dificuldades que qualquer tradutor enfrentaria para converter suas obras para outras línguas. Em razão disso, trocou numerosas cartas com seus tradutores estrangeiros, na expectativa de ajudá-los a compreender as sutilezas da localidade narrada em seus livros, os detalhes das pronúncias regionais, as particularidades de sua sintaxe criativa, as especificidades de seu léxico. Tradutores da Itália, Inglaterra, Alemanha, França e Espanha, por exemplo, responderam a essas missivas, que revelam o quanto a proximidade com o universo de Rosa pode colaborar com a tradução de seus livros.

Em razão dessa particularidade, um dos objetivos do seminário é criar condições para a futura instalação, em Cordisburgo, do *Albergue do audaz navegante*, espécie de casa de acolhimento para pesquisadores e tradutores da obra do escritor mineiro. A proposta é que essa residência seja capaz de receber os pesquisadores interessados em desbravar *in loco* o sertão e sua cultura. “Estamos buscando formas de subsidiar a construção desse espaço, em diálogo com a administração pública de Cordisburgo, com entidades internacionais e com a própria UFMG”, adianta Tereza Virgínia.

[Versão condensada de matéria publicada no Portal UFMG, em 28/11/2017]

## COLTEC

Até 22 de dezembro, o Colégio Técnico (Coltec) recebe inscrições para o processo seletivo de dois cursos técnicos: um na área de desenvolvimento de sistemas e outro na de biotecnologia. Elas deverão ser efetuadas, exclusivamente, via internet, em formulário eletrônico disponível na página da Comissão Permanente do Vestibular (Copeve).

Serão ofertadas 72 vagas, distribuídas entre os dois cursos – que têm duração de até dois anos. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-4962, pelo e-mail [diretoria@coltec.ufmg.br](mailto:diretoria@coltec.ufmg.br) e no edital disponível no site da Copeve ([www.ufmg.br/copeve](http://www.ufmg.br/copeve)).

## CURSOS DE FÉRIAS

De 11 de dezembro a 12 de janeiro, o Centro de Extensão (Cenex) da Faculdade de Letras receberá inscrições para cursos de férias que serão realizados em janeiro e fevereiro: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, latim, libras, português para estrangeiros e português para brasileiros.

Os interessados deverão se inscrever pelo site da Fundep (<http://bit.ly/19v00jg>) ou pessoalmente, em posto de atendimento na Praça de Serviços, das 8h às 17h. Mais informações podem ser obtidas no site do Cenex ([www.letras.ufmg.br/cursosdeferias/](http://www.letras.ufmg.br/cursosdeferias/)), pelo e-mail [cenexatendimento@yahoo.com.br](mailto:cenexatendimento@yahoo.com.br) e pelo telefone (31) 3409-4220.

## ARQUITETA DO ANO

A professora Marieta Cardoso Maciel, da Escola de Arquitetura, recebeu o 12º Prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA). Ela foi escolhida na categoria Setor Público, sobretudo por seus projetos desenvolvidos para a Prefeitura de Belo Horizonte. A premiação foi entregue no último dia 2.

Formada pela UFMG, Marieta lecionou na instituição durante quatro décadas e participou também de projetos de pesquisa e extensão. Aposentou-se em outubro deste ano, como professora titular. Durante sua gestão na vice-diretoria da Escola, fundou, juntamente com o professor Leonardo Barci Castriota, o Programa Arquitetura Pública, iniciativa de extensão baseada na parceria da Escola com prefeituras mineiras. Muitos alunos que atuaram como bolsistas foram contratados pelas prefeituras para conduzir a implantação dos projetos.



Lucas Braga/UFMG

Vista aérea do campus Saúde, que abriga atividades dos cursos avaliados no Enade 2016

## NOTA MÁXIMA NO IGC

A UFMG recebeu nota máxima (5) no Índice Geral de Cursos (IGC), divulgado no dia 24 de novembro, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A instituição manteve o mesmo desempenho de todas as avaliações anuais anteriores. Por esse índice, a UFMG é a terceira mais bem avaliada universidade do país. Unicamp e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) lideram o levantamento, nessa ordem.

O cálculo do IGC considera a média do Conceito Preliminar de Curso (CPC) do último triênio, a média dos conceitos de avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, com base em dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a distribuição dos estudantes entre os diferentes níveis de ensino, graduação ou pós-graduação *stricto sensu*.

Os 13 cursos de graduação na área de saúde oferecidos pela UFMG, cujos alunos participaram do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) 2016, receberam nota 4. Mais informações sobre os resultados obtidos pela UFMG e detalhes sobre a interpretação dos indicadores podem ser lidos em documento da Diretoria de Avaliação Institucional ([www.ufmg.br/dai/](http://www.ufmg.br/dai/)).

## GEODESIGN

O Programa Cátedras Fundep/leat recebe, neste mês, o professor Carl Steinitz, emérito da Harvard Graduate School of Design. Durante sua estada de seis dias, Steinitz realizará seminários para alunos da pós-graduação, participará de reuniões com grupos de pesquisa que desenvolvem metodologias em geodesign e ministrará conferência aberta à comunidade.

A conferência *On negotiation as a geodesign method (A negociação como um método de geodesign)* será realizada no dia 11 de dezembro, a partir das 18h, no auditório da Reitoria. Haverá tradução simultânea e será emitida declaração de participação. Inscrições para a conferência podem ser realizadas por meio de formulário online (<https://goo.gl/e7oFer>).

Criador do principal método de geodesign, estrutura processual utilizada nas várias etapas da gestão territorial, Carl Steinitz abordará o papel da negociação e do uso de metodologias que, aplicáveis em diferentes escalas, têm implicações poderosas para o emprego de tecnologias de geoinformação, como o Geographic Information System (GIS, Sistema de Informação Geográfica), o geodesign e o Building Information Modeling (BIM, Modelagem de Informações da Construção).

## UFMG JOVEM

Dois editais publicados pela Diretoria de Divulgação Científica (DDC) definem as regras de participação na 19ª edição da UFMG Jovem, feira anual de ciências que será realizada de 25 a 27 de outubro de 2018, no campus Pampulha. De 2 de abril a 31 de agosto, podem ser inscritos artistas e grupos artístico-culturais escolares e propostas de trabalhos de relevância técnico-científica, social e cultural realizados por professores e alunos de escolas públicas e privadas da rede de ensino de Minas Gerais.

Mais informações estão disponíveis nos editais de divulgação científica (<http://bit.ly/2h1STor>) e de apresentações culturais (<http://bit.ly/2AegOxp>).

Aberta à visitação pública, a Feira de Ciências UFMG deverá reunir até 80 trabalhos técnico-científicos, sendo 30 na categoria Ensino Fundamental e 50 na categoria Ensino Médio, em todas as suas modalidades.

# Uma **VERTIGEM** de cidade

Editora UFMG reedita livro que conta a história de Belo Horizonte com foco em sua arquitetura e seu urbanismo, face à crise da modernidade

Ewerton Martins Ribeiro

Quando Belo Horizonte completou 100 anos, em 1997, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) percebeu que havia uma lacuna historiográfica quanto ao registro da evolução arquitetônica e urbanística da cidade e convidou o professor da Escola de Arquitetura Leonardo Castriota para organizar um livro que suprisse essa carência. Ele reuniu um conjunto de ensaios que atravessa toda a trajetória da cidade – das promessas positivistas encenadas antes de sua fundação aos impasses modernistas alcançados no fim do século 20 – e o publicou sob o título *Arquitetura da modernidade*.

Vinte anos depois, às vésperas do aniversário de 120 anos da cidade, a Editora UFMG edita novamente o volume e preenche a lacuna observada em 1997. Planejada em um novo e refinado projeto gráfico, essa segunda edição preserva a integridade dos textos originais e reproduz as quase 200 imagens colecionadas pelo organizador, entre fotografias, croquis, mapas e perspectivas – tudo em cores e gravado sobre papel couchê.

Já disponível nas livrarias, *Arquitetura da modernidade* reúne um conjunto heterogêneo de textos, mas que se encontram em um denominador comum: a concepção de que as contradições que se materializaram no corpo da urbe no decorrer do último século são uma alegoria doméstica para o próprio impasse maior da modernidade, em sua problemática pretensão positivista.

## Pressa

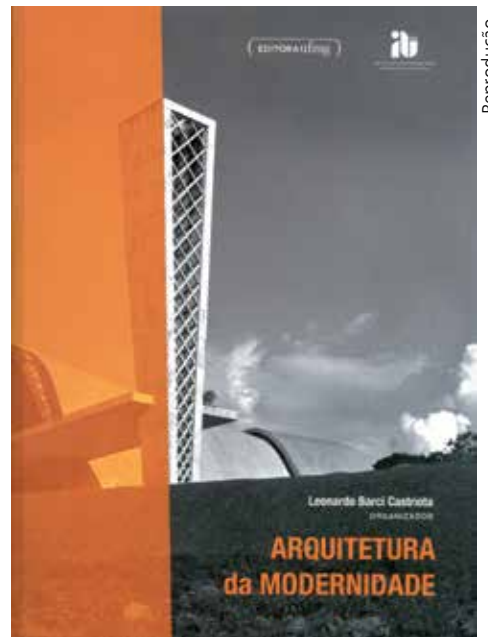
Os dilemas e as contradições enfrentadas pela capital mineira na travessia do século 20 sobressaem nos textos do volume. “A pressa em direção ao futuro fez com que a cidade esquecesse seus planejadores e seu

início calcado sobre um rígido projeto e navegasse à deriva, sem norte, até os tempos atuais”, escreve, no prefácio, o professor Flávio Carsalade, da Escola da Arquitetura. O arquiteto critica esses momentos, nada raros na história da capital mineira, em “que se permitiu que as coisas se fizessem a esmo, sem a arquitetura” e lembra que essa pressa fez com que “alguns lugares fossem reconstruídos até quatro vezes”, “espaços públicos fossem sendo sistematicamente ocupados e privatizados”, “árvores fossem cortadas, tudo em nome da modernidade e do progresso”. Carsalade classifica esse processo como uma “antropofagia irracional”, devoradora de memórias.

No texto em que apresenta o volume, o organizador Leonardo Castriota explica que essa dinâmica *constrói-derruba-reconstrói* é consequência do “mito do novo”, dominante, de certa forma, em nosso continente: ou seja, “aquela ideia de que a grande tarefa consiste em projetar para o futuro, fazer realidade a distante utopia, mito reforçado pelo fato de que para a população latino-americana quase tudo está por fazer, e as expectativas e as esperanças contam mais que as reminiscências do passado”. Nesse ponto, Castriota critica a sensação de “atraso” vivida pela população latino-americana em relação ao progresso já experimentado pelo velho mundo, que não percebe que esse mesmo progresso já alcançou os seus impasses e aporias.

Ivo Porto de Menezes também alude, no posfácio, ao caráter irônico e contraditório desse “progresso”: “Escolhe-se o lugar, plano como se pensava, com uma única serra que lhe permitia um belo horizonte. Nem tão plano assim, nem prevendo que o belo ho-

rizonte fosse ofendido pela mineração, nem prevendo um crescimento desordenado.” O veterano arquiteto relembra um episódio que ilustra os equívocos dessa expansão. “Quando fiscal de baixas da Prefeitura, fomos verificar o que ocorria com uma casa, embargada por estar sendo construída no meio de uma praça de um loteamento, e verificamos que esta, de fato, estava localizada em lote de outro loteamento que se sobreponha ao anteriormente citado.”



Reprodução

**Livro:** *Arquitetura da modernidade*

**Organizador:** Leonardo Barci Castriota

Editora UFMG

R\$ 54,90 / 288 páginas